

Conclui o conto, do qual serás o/a autor/a número 12.

A Viajante que se Apressava com Todo o Vagar

«- SEEEN-TIDO! - comandou o Sargento Moralez no seu berro em dois andamentos.

Não se deu a reação esperada. O pelotão não se moveu, e o Sargento inquietava-se lá para dentro de si: Queres ver que me desmaiou outro tipo?!

Mas, pelo contrário, aquilo a que assistiam era a um desmaio invertido. O oposto de uma perda de sentidos. O recruta Vicente - a não ser que se tratasse de uma alucinação coletiva - estava com todos os seus sentidos despertados, e levitava.»

JAP

O sargento aproximou-se do recruta Vicente e teve a necessidade de se beliscar. Não era, definitivamente, uma alucinação, o homem estava a levitar diante dos seus olhos e diante de todo o pelotão.

«YABAB!» - gritava o recruta - «YABAB!» - as palavras surgiam-lhe da boca como se fossem regurgitadas, fazendo com que o próprio se sentisse incapaz de controlar as suas ações, como se estivesse possuído.

Tanto o sargento Moralez como todo o pelotão se encontravam em transe. Este peculiar acontecimento durou cerca de 2 minutos, até que o recruta Fernandez o abanou ligeiramente.

«Peço desculpa, sargento, a mãe dele avisou-nos de que isto poderia acontecer, mas ele não quis que constasse no registo médico.»

B.C. (11º F)

«Como assim?! Temos um recruta possuído desde que nasceu, era sabido que a qualquer altura começava a levitar, e eu não fui informado?! Como se atreveram a NÃO ESCREVER NO REGISTO MÉDICO?!» berrava o sargento Moralez.

«Lamento, sargento, foi a sua própria mãe que...»

«Até podia ser a Rainha de Inglaterra a dizê-lo, isto não é propriamente um campo de escuteiros, É UM EXÉRCITO...» – ainda mais indignado. O pelotão nunca o tinha visto assim.

«EU QUERO SABER QUEM É O RESPONSÁVEL IMEDIATAMENTE!!!» – continuava irritadíssimo. O pelotão permaneceu calado como um túmulo e inquieto com o castigo de quem fosse o culpado da situação.

«PRECISO DE FALAR COM O RESPONSÁVEL POR ESTE ESCÂNDALO AGORA!» – continuava – «O RESPONSÁVEL VAI FAZER TANTAS FLEXÕES QUE LHE VÃO CAIR OS BRAÇOS!!»

T.S. (10º B)

Após ter permanecido dez minutos imóvel, o sargento ordenou o isolamento do recruta Vicente e o interrogatório dos restantes. As inquirições duraram horas e horas, e o sargento Moralez já desesperava, até que algo pareceu suspeito no 24º inquirido.

«O que se passa? O gato comeu-te a língua? FALA!!!» - gritava o sargento, ENRAIVECIDO - «Se não falas a bem, falas a mal!»

«Pronto, pronto. A verdade é que...» - e assim que as palavras começavam a sair-lhe da boca, interrompe-o um barulho vindo do fundo do corredor.

«Sa-sa-sargento Moralez, o recruta Vicente desapareceu...» - gaguejou alguém, junto da porta.

«O QUÊ? COMO?!»

C.M., C.P., R.N., (11ºD)

«Sa-sa-sargento» repetiu o recruta. «Enquanto estávamos a observar o Vicente, sem querer, per-perdemos a noção da altitude que ele estava a atingir, senhor.»

Naquele momento, o sargento Moralez, com sentimento de culpa, não tendo a consciência limpa, ordenou que fossem realizadas buscas aéreas para encontrar o seu recruta «sobrenatural».

Estas prolongaram-se por 6 meses, e ainda não havia sinal do recruta. Foi organizada uma conferência envolvendo as maiores figuras do Exército, com a intenção de pôr fim às investigações. A

“Uma espécie de cadáver esquisito”

decisão final foi dá-lo como desaparecido em combate e oferecer uma medalha póstuma, sem revelar os seus feitos heróicos, que na realidade eram inexistentes.

O sargento Moralez não conseguiu prosseguir a sua vida, sabendo que perdera um soldado pelo qual era responsável; atravessou uma depressão profunda e tornou-se viciado no jogo.

Passados 15 anos, encontrava-se num casino, apostando em *blackjack*, quando percebeu que o homem a seu lado era o recruta outrora desaparecido.

A.C. (12º D)

Olhou outra vez. E outra. Queria ter a certeza do que via. «É ele! Só pode!», pensava o sargento. Roubava olhares ao homem ao seu lado, o nariz, a forma dos olhos, tudo. Nunca esqueceria o rosto que lhe assombrava as noites e este, este homem, tinha exactamente as mesmas feições que o desaparecido recruta Vicente. Algo incomodava Moralez: 15 anos tinham passado, mas nem um sinal de envelhecimento se notava na cara do homem. Segundo as suas contas, Vicente deveria ter agora 35 anos, mas não aparentava mais do que 20, como se a última década e meia não tivesse existido, como se ele tivesse ficado parado no tempo. Queria verificar novamente, mas, quando acordou dos seus pensamentos, Vicente já não estava no seu lugar. O sargento Moralez olhou para todo o lado e viu-o entrando num corredor, em direcção à saída. De longe percebeu que ele entrara por uma porta e apressou-se a lá chegar. Quando ia rodar a maçaneta, a porta abriu-se, e saiu por ela uma mulher bonita, de vinte e poucos anos, com uma roupa discreta e longos cabelos castanhos. Moralez deu-lhe espaço e, quando esta seguiu, já de costas para si, o sargento retomou a sua perseguição.

O que viu, ao abrir a porta, não era o que esperava: uma sala, apenas com um sofá e uma mesinha de centro, sem janelas ou outras portas, vazia. O sargento ficou desnorteado, sem saber o que se passava. «É impossível ter saído, estive com os olhos na porta desde que o vi entrar», pensava ele. Mas então, no meio da sua busca pelo desaparecido, pela sala onde não havia sítios onde alguém pudesse esconder-se, Moralez reparou em qualquer coisa no chão. Era um relógio de bolso antigo, já gasto e com ar de ter umas boas décadas, com as iniciais M.L.

Confuso com a situação, sentou-se por momentos no sofá e, nesse momento, lembrou-se. A mulher que saíra. Ela estivera certamente com ele. A única outra explicação seria demasiado louca para sequer se pensar... Definitivamente, algo de muito estranho se estava a passar. Mas Moralez estava determinado a descobrir o que era.

M. J. (12º B)

Depois de uns bons vinte minutos sentado no sofá a ouvir o ecoar das iniciais nos confins dos seus pensamentos, apercebeu-se de que a única forma de descobrir o que ali se passara era seguir aquela linda mulher. Então, saiu disparado, decidido a encontrar a jovem.

Porém, depois de a porta bater, sentiu que estava sozinho. Um casino lotado tinha ficado vazio em apenas meia hora, não havia sinal de ninguém... O empregado? Não se encontrava em lado nenhum.

- Que mistério é este, o que estará a acontecer? – murmurou para si mesmo.

Decidiu abandonar o casino, mas, para agravar a situação, não havia ninguém nas ruas, todas as janelas estavam fechadas e trancadas, não se ouviam motores de carros, as vizinhas coscuvilheiras não segredavam novidades, a cidade estava deserta!

- Como é que um simples recruta pode fazer desaparecer milhares de pessoas?

Foi então que avistou a jovem com quem se cruzara, correu na sua direcção e, ao olhá-la nos olhos, começou a cambalear, a sentir-se tonto e febril. Ao acercar-se dela, desmaiou.

C.S. (11º A)

Abriu os olhos, lentamente. Deu por si num quarto de aspeto aparentemente normal, mas que, por algum motivo pouco perceptível, tinha uma atmosfera muito estranha. O sargento sentia-se extremamente desconfortável. Ele não fazia ideia de onde estava e não tinha a certeza de como lá fora parar, apenas se lembrava da cara da mulher formosa. Ainda desconcertado, resolveu dirigir-se à única janela da divisão onde se encontrava. Soltou um ruído eufórico quando avistou uma larga e movimentada rua, apinhada de gente. Apressou-se a abrir a janela e a gritar por ajuda. A sua expressão alterou-se completamente. Ele ficou petrificado do choque ao aperceber-se que todas aquelas pessoas na rua tinham a cara igual. Uma cara familiar, demasiado familiar. Apressou-se para a porta do quarto.

“Uma espécie de cadáver esquisito”

Abriu-a e saiu o mais rapidamente que as suas pernas dormentes lhe permitiram. Só após fechar a porta se virou para ver o que existia do lado de fora.

T.M. (12°C)

Um corredor comprido, portas idênticas entre si, um candeeiro de parede com um *abat-jour* muito sujo, que soltava uma luz amarelada e baça. Tudo se assemelhava a uma casa normal, quase familiar, não obstante o ar sombrio das paredes, a desconfortável suspeita do que estaria por detrás de cada porta, a aterradora figura que a sua sombra desenhava no chão, mal iluminado por aquela luz lânguida.

O sargento prosseguiu em passos largos e nervosos. A sua respiração ofegante soava-lhe na mente e sobrepunha-se aos seus pensamentos. Ao fundo do corredor havia umas escadas e, lá de baixo, chegava uma melodia.

O sargento estacou. Era um lamento de violinos, muito agudo, rápido, revoltoso, agressivo, tenebroso. Não sabia dizer quem estaria a tocar nem reconheceu naquelas notas qualquer composição. Indeciso entre seguir a música e regressar ao quarto, o sargento encheu o peito de ar e desceu, pé ante pé, os degraus tortos de madeira. A música era agora mais audível: o sargento ouvia-a, sentia-a vibrar e parecia-lhe que o seu coração palpitava compassado com aqueles acordes tenebrosos. Havia uma porta aberta, donde escoava uma luz pálida. O sargento entrou.

Lá dentro, encontrou uma sala de estar muito bem mobilada, com estantes antigas, sofás vermelhos e tapetes riquíssimos, tudo coberto de pó e sujidade. A lareira estava acesa, crepitando fantasmagoricamente. Numa mesa, o sargento viu uma série de molduras e, no meio delas, um gira-discos. Aproximou-se e examinou as fotos, o coração sempre inquieto no seu peito tremente.

Era ele que ali estava: eram fotografias suas. Então, diante dos seus olhos, viu-as mudar – a sua cara revolvía-se, dobrava-se sobre si mesma e dava lugar a outra diferente, conhecida.

A música continuava a inundar-lhe os ouvidos, as fotografias, aterradoras, prendiam-se-lhe na mente, o coração martelava-lhe o peito e não conseguia respirar. Sentia umas lágrimas a descer-lhe brandamente pela face.

No meio da sua desvairada infelicidade, sentiu uma mão a pousar-lhe no ombro.

G.O. (11ºE)

Tratava-se de um estranho vulto, negro como o céu noturno pouco estrelado característico das cidades. A sua figura parecia fundir-se com a sua sombra. As longas túnicas que usava, juntamente com o capuz que lhe cobria a cabeça, não permitiam ver o corpo da estranha aparição, e onde devia estar uma cara estava um vazio negro mais escuro que as próprias vestes. Uma voz potente e bem colocada atravessou as notas musicais, e o gira-discos parou de funcionar. Aquele tom familiar ressoava na cabeça do sargento como um megafone. «Bebe alguma coisa?», perguntou a estranha criatura. O sargento deixou-se cair no sofá, e lá ficou largos minutos, espantado, sem dizer uma única palavra.

J.C. (12ºE)

Passado algum tempo, tentou que lhe saíssem palavras da boca. Estava uma atmosfera pesada. O sargento sentia-se a sufocar. Olhou à volta. Não havia janelas. Fitou o vulto que continuava ali parado. Sentiu um arrepio subir-lhe pela espinha, e finalmente perguntou: «Vicente?» Após ter perguntado isto, começou a chover torrencialmente. Ouvia-se a chuva. O vulto negro aproximou-se do sargento e perguntou novamente: «Bebe alguma coisa?»

O sargento levantou-se, virou as costas ao vulto e começou a caminhar lentamente para a porta. Pensou em começar a correr. Pensou em virar-se e arrancar as largas túnicas que o desconhecido usava. Pensou em várias hipóteses. O seu coração batia cada vez mais rapidamente. Não sabia o que fazer. Cada vez mais indeciso, estacou. Petrificou. Sentiu o seu corpo rodar. Como se uma corda o estivesse a puxar para o vulto. O sargento principiou a gritar e a fazer força para se encaminhar na direção da porta. Quando deu por si estava frente a frente com o vulto. Este destapou-se e perguntou mais uma vez: «Bebe alguma coisa?» Afinal tinha um rosto, este vulto. Muito familiar, na verdade... O sargento ia abrir a boca, quando de repente percebeu quem era. O rosto familiar era o de Vicente. O sargento não aguentou, perdeu as forças e desmaiou.

M.S.J.R. (10ºA)

“Uma espécie de cadáver esquisito”

Acordou numa divisão muito familiar, semelhante àquela em que outrora havia estado, mas mais pequena, demasiado pequena, claustrofóbica.

Apenas havia uma mesa de cabeceira, junto a uma cama rústica, onde o sargento estava deitado, após um estranho estado de coma profundo. As pálpebras pesavam-lhe, mas a ténue luz entrava por entre as frestas e forçava-o a acordar.

Levantou-se, cambaleante. O vulto de Vicente, bem como a imagem da formosa jovem, continuavam a atormenta-lo incessantemente.

Abriu a porta e saiu. Estava no mesmo corredor, com o mesmo candeeiro, com o mesmo pestilento *abat-jour*, mas, desta vez, uma outra melodia soava, como uma história perdida no tempo. Como seria possível um simples piano transmitir tanta mágoa e tristeza?

Desta vez, o seu olhar foi levado para o lado oposto do corredor, onde se erguia uma invulgar porta, totalmente lisa e cravejada de um material tão cristalino como as ondas do mar.

Avançou imediatamente na sua direção. O piano continuava a tocar. Não era apenas mágoa ou tristeza o que parecia alcançar-se com aquela melodia, era, sim, angústia o que se acumulava entre as notas.

A cada passada, o corredor parecia mais comprido, o fundo mais inalcançável, e as paredes pareciam estreitar-se, como se o pudessem esmagar.

A melodia apoderava-se cada vez mais de Moralez. Parecia contar a história de algo que se havia perdido e nunca mais havia sido recuperado. O desespero fez os seus pés andarem mais depressa. Começou a correr. Observava os vultos, as sombras das portas do corredor, que iam dando lugar a inúmeros retratos. Melancólicos retratos que o observavam e, juntamente com a aterradora melodia, criavam em si um sentimento de puro pânico.

Finalmente, alcançou a porta. Deu por si numa sala quadrada, cujas paredes estavam revestidas por espelhos. Não havia nada mais, apenas ele, os seus reflexos e a música que as brechas da porta deixavam passar. Olhava para o seu reflexo, quando este começou a contorcer-se e a distorcer-se, encolhia-se e dobrava-se sobre si próprio, até que, diante dos seus olhos, onde antes se encontrava o seu reflexo, estava agora Vicente, com o seu aspeto jovial.

Os seus olhos fundiram-se, não conseguia desviar o olhar daquele corpo, com aquela face tão familiar, que havia colocado a sua mão sobre o espelho.

Como por instinto, aproximou-se e ouviu a música cessar, mal colocou a mão no espelho, onde Vicente havia colocado a sua. As mãos ficaram unidas, como se por magia tivessem sido coladas. O ar começou a ficar gélido e o sargento começou a contorcer-se com dores em todo o corpo, como se arpões se tivessem espetado nele e cordas o estivessem a puxar para o reflexo de Vicente. A sua pele começou a fundir-se com a estrutura que parecia derreter-se à sua passagem. O seu corpo mergulhou cada vez mais no espelho e deu por si imerso numa imensa escuridão.

Alguns perdem os seus relógios, perdem o tempo. Alguns têm vultos que os assombram. Outros perdem as suas faces. E eu? Esta é a minha história, a história de um comum sargento que perdeu a alma. Uma alma que subiu tão alto que ninguém a alcançou, ninguém a apanhou. E que, quando regressou, já não era a mesma.

YABAB!

I. C., 11º C

OU ENTÃO...

“Uma espécie de cadáver esquisito”

Após longas horas, Moralez recuperou os sentidos, deparando-se com um local inóspito e pouco familiar. Tudo parecia ligeiramente desfocado, mas, a pouco e pouco, as silhuetas irregulares que o sargento observara deram lugar a uma paisagem que não parecia ser do mundo que tão bem conhecia.

Rapidamente o sargento removeu essa hipótese da sua cabeça, pois, para ele, não podiam existir outros mundos, por isso calculou que estivesse apenas a sonhar. O terreno era irregular, havia pequenos montes em cada canto e recanto, ocupados por pequenas florestas densas de árvores desprovidas de folhas.

O relvado que brotava no chão era violeta e o céu era todo de um laranja vivo. Tudo o que existia naquele novo mundo assustava Moralez e o que mais o incomodava era o silêncio inquietante. Enquanto contemplava o estranho local que o rodeava, uns passos vindos de trás romperam o silêncio.

Era Vicente, e vinha acompanhado de todos os seus colegas da escola militar, de há quinze anos, sem qualquer mudança na sua aparência, ainda com uma cara jovem, embora pálida.

Vicente esticou-lhe o braço e entregou ao sargento o relógio que ele tinha visto no casino. Quando Moralez abriu a carta, deparou-se com a sua mão a desaparecer, de seguida, a sua outra mão, e, por fim, quando já só restava a cabeça, uma luz fluorescente ofuscava-lhe os olhos. A luz foi ficando mais ténue, até que Moralez já conseguia observar tudo à sua volta. E foi então que ele encontrou um cenário igual àquele que vira há quinze anos, mas agora os seus soldados eram outros e, no local onde estava Vicente não se encontrava ninguém. A única pessoa igual no seu quartel era ele mesmo. Estaria o seu esquadrão amaldiçoado? Seria tudo isto obra de Vicente?

Após pensar sobre estas questões, um dos rapazes começa a levitar e, por cima de si, estava um reflexo no céu, agora laranja vivo, do rosto de Vicente, ostentando um macabro sorriso.